



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 21 - dezembro de 2018**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p66-79>

**Entrevistar Montezuma, jogar com Montezuma: das  
(im)possibilidades da voz do outro<sup>1</sup>**

**Interviewing Montezuma, playing with Montezuma: on the  
(im)possibilities of the other's voice**

Maria Elisa Rodrigues Moreira\*

**RESUMO**

A reflexão sobre a alteridade na literatura e sobre a alteridade do próprio texto literário tem ocupado lugar de destaque na crítica contemporânea, remetendo a possíveis formas de articulação entre ética e poética. Neste artigo, busca-se abordar a temática em diálogo com dois textos do escritor italiano Italo Calvino, “Montezuma e Cortés” e “Montezuma”, nos quais a figura do *encontro* entre dois mundos – representados pelo imperador asteca e o explorador espanhol – é tomada como eixo para reflexão sobre a relação entre um *eu* marcado pela semelhança e um *outro* marcado pela diferença, as quais se explicitam na proposição do jogo ou da entrevista como molduras narrativas de um diálogo impossível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Encontro; Alteridade; Movimento; Jogo; Italo Calvino

**ABSTRACT**

The reflection about alterity in literature and that of the literary text itself has been of relevance in contemporary criticism, referring to possible forms of articulation between ethics and poetics. This paper seeks to address the topic holding a dialogue with two texts by the Italian writer Italo Calvino: “Montezuma and Cortes” and “Montezuma”. In these, the *encounter* of two worlds, represented by the Aztec emperor and the Spanish explorer, serves as the foundation for an analysis of the relationship between “I”, characterized by similarity, and “the other”, characterized by difference, both of which become explicit in the play or the interview as narrative frames for an impossible dialogue.

**KEYWORDS:** Encounter; Alterity; Movement; Play; Italo Calvino

---

<sup>1</sup> Este artigo desenvolve discussões de uma comunicação apresentada no *Simpósio Internacional Marcas da Violência na Literatura*, em 2011, e publicada em 2013 na *Revista Literária Polichinello*.

\* Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Instituto de Linguagens; Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem; Cuiabá – MT – Brasil – [elisarmoreira@gmail.com](mailto:elisarmoreira@gmail.com)

A relação com o outro e as possibilidades de sua inscrição na narrativa literária são questões prementes na contemporaneidade, que nos abrem a uma série de possibilidades de reflexão que dizem respeito não apenas às questões éticas e identitárias, mas também ao próprio lugar da literatura, o qual é, cada vez mais, pensado em termos de sua inespecificidade ou de seu caráter fronteiriço (GARRAMUÑO, 2014; KIFFER, GARRAMUÑO, 2014; SILVA; MOREIRA, 2017). Nessa perspectiva, a alteridade passa a instituir a própria forma da literatura, convertida num espaço sem fronteiras que privilegia a diversidade e a diferença como “princípios geradores do movimento”, para retomarmos a expressão de Eneida Maria de Souza no prefácio ao livro *Literatura: espaço fronteiriço* – o texto literário se conforma dando voz a “[...] manifestações que se digladiam e se solidarizam, sem perder espaço entre elas [...]” (2017, p. 7), fomentando o diálogo entre um *eu* e um *outro*, ainda que esse diálogo mantenha latentes as impossibilidades de sua efetivação.

Acredito que seja justamente nesse espaço entre o próprio e o outro, entre o mesmo e o diferente, que se insiram dois textos de Italo Calvino ainda pouco estudados pela crítica, os quais têm por personagem central Montezuma, o imperador dos astecas. Conforme informações de Claudio Milanini (2004), o primeiro texto foi publicado nos meses iniciais de 1974, com o título “Montezuma”, no *Corriere della Sera* – periódico para o qual o escritor italiano frequentemente enviava suas produções –, e depois passou por algumas modificações. Em 1976, com o título “Montezuma e Cortés”, foi utilizado como prefácio para o livro *Montezuma signore degli Aztechi*, de Cottie Arthur Burland, título que se manteve na compilação de escritos calvinianos em que foi inserido posteriormente, *Mondo scritto e mondo non scritto*, e também em sua tradução brasileira (CALVINO, 2015). O segundo texto, que se manteve com o título “Montezuma” ao longo de suas publicações, é uma das entrevistas que compõem um projeto de livro que Calvino deixou inconcluso, o qual se intitularia “Diálogos históricos”. Esse livro consistiria em uma série de “entrevistas impossíveis” em razão, principalmente, de seu anacronismo, das quais apenas três chegaram a ser produzidas pelo escritor italiano: “O homem de Neandertal”, “Montezuma” e “Henry Ford”. As duas primeiras entrevistas foram produzidas em 1974, e seu destino primeiro não foi a publicação, mas, sim, as ondas do rádio: elas compuseram uma série radiofônica da Radiotelevisione Italiana (RAI), sendo publicadas apenas no ano seguinte, no livro *Le interviste impossibili*. “Henry Ford”, por sua vez, foi escrita em 1982 e, como as duas entrevistas anteriores, também não teve as páginas impressas como destino inicial: foi

um programa elaborado “para a TV” (MILANINI, 2004) que, no entanto, não chegou a ser gravado, e que somente se publicou em 1993, na compilação *Prima che tu dica “pronto”*. No Brasil, os três textos integram a coletânea *Um general na biblioteca*, de 2001.

A própria gênese dos textos já nos diz do lugar incerto por eles ocupado: é como um jogo de alteridades que as narrativas sobre Montezuma vêm à tona no conjunto da produção calviniana, conformando-se como um projeto desejado que migra de um gênero a outro, de uma mídia a outra, de um texto a outro, carregando em si todas essas inscrições. Os dois textos podem ser lidos, nessa perspectiva, como uma espécie de materialização/encarnação da relação entre um *eu* supostamente civilizado e um *outro* caracterizado por sua *selvageria*: no fio com que se tecem essas narrativas são tornados visíveis os embates violentos que, em geral, marcam o contato com a alteridade, assim como se aponta para o que há de possível (e também de impossível) nessa relação entre *o mesmo e o outro*.

Nos dois casos, a moldura narrativa escolhida por Calvino já funciona como modo de instituição do cenário de embate, ao mesmo tempo dialógico e conflituoso. No caso de “Montezuma e Cortés”, adentramos a reflexão acompanhando uma partida de bocha entre o imperador dos astecas e o capitão espanhol na qual o que está em jogo é, para o imperador e o povo mexicano, “[...] o fim do mundo (não sabem ainda, mas já pressentem) [...]”, e, para o conquistador espanhol, “[...] o início de uma nova era (tampouco o sabem ainda, mas sabem que sua sorte pessoal está em jogo: como conquistadores triunfantes ou como aventureiros fracassados [...]).” (CALVINO, 2015, p. 226). Em “Montezuma”, é o espaço dialógico da entrevista que garante o contato entre alteridades: a narrativa coloca a nós, leitores, no papel de espectadores de um diálogo no qual uma personagem em primeira pessoa (“eu”) conversa com Montezuma, num tempo indefinido (mas contemporâneo), acerca do contato entre este e Hernán Cortés e sobre as consequências desse encontro para os mexicanos, para os europeus, para a história da humanidade daí decorrente.

Gostaria de começar refletindo sobre as implicações desses dois cenários em nossa experiência de leitura dos textos e na forma como a questão da alteridade nos atinge. Em “Montezuma e Cortés”, é o jogo que domina a narrativa e conduz a relação entre os dois protagonistas/jogadores, e aqueles a quem eles representam, mexicanos e espanhóis: o texto começa “[...] nos jardins do antigo palácio imperial do México [...]”, onde “[...] dois personagens suntuosamente vestidos estão concentrados num jogo de

bocha [...]”, apaixonados por um “[...] jogo que representa a verdadeira relação entre eles, a grande partida em aberto desde o dia do desembarque espanhol nas praias do que mais tarde será Veracruz.” (CALVINO, 2015, p. 226).

O jogo e o lúdico que a ele se associa são elementos caros à produção calviniana, que se evidenciam no reafirmado vínculo do escritor com o *Oulipo – Ouvroir de Littérature Potentielle* (Ateliê de Literatura Potencial), grupo literário-matemático fundado na França em 1960 e que se propunha a explorar a potencialidade da literatura por meio da elaboração e da utilização de rígidas regras formais, as *contraintes*. *O castelo dos destinos cruzados* (1973), *Se um viajante numa noite de inverno* (1979) e *As cidades invisíveis* (1972), consideradas as obras mais oulipianas do escritor, partem de uma estrutura narrativa baseada nas restrições para explorar suas possibilidades, construindo uma rede de sentidos múltipla e intrincada que extrapola a estrutura utilizada e desloca, assim, os limites da própria estrutura.

No texto aqui em pauta, o jogo é utilizado não como elemento estrutural, mas como moldura narrativa, agregando a si uma série de características que identificamos como próprias ao jogo, conforme o aborda Roger Caillois em *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem* (1990, p. 29-30). De acordo com o sociólogo francês, o jogo pode ser formalmente caracterizado por ser uma atividade: a) livre (a obrigação eliminaria o caráter lúdico e atraente do jogo); b) delimitada (ocorre em espaço e tempo delimitados e previamente definidos); c) incerta quanto ao seu desenvolvimento e aos seus resultados (é fundamental uma reserva de liberdade ao jogador); d) improdutiva (pode ocorrer, no máximo, a alteração de propriedades no interior do círculo dos jogadores, mas não se gera elementos novos); e) regulamentada (são estabelecidas regras e convenções específicas ao jogo), e f) fictícia (há consciência, por parte dos jogadores, de que ali o que se vivencia no jogo é uma ficção). Ao mesmo tempo, entretanto, em que traz à cena narrativa esses aspectos, Calvino os subverte e explicita a nós, leitores, que o jogo entre diferenças não é assim tão bem estruturado, e que o que acompanhamos ali não são apenas os jogos entre Montezuma e Cortés (o jogo de bocha, o jogo da conquista), mas também “o jogo do texto” (ISER, 2002) no qual somos enredados, que nos leva a ser partícipes da relação eu/outro que ali se constitui.

O jogo da conquista narrado por Calvino começa com os espanhóis em vantagem, já que “[...] o imperador Montezuma é refém de seu hóspede estrangeiro [...]” (CALVINO, 2015, p. 226): o jogo não é livre, portanto, e também não é incerto seu desenrolar, pois a vantagem dos espanhóis faz com que “[...] o sucesso final já [seja]

dado por certo.” (p. 227). A partida de bocha, assistida por interessados de ambos os *times*, vai revelando a desigualdade entre os jogadores: “[...] as regras do jogo vão se estabelecendo pouco a pouco [...]” e Cortés ganha pontos “[...] mesmo quando ele perde [...]” (p. 227), indicando que o terreno está aberto à trapaça. O jogo pelo futuro das civilizações, no entanto, mostra-se ainda mais complexo e incerto: a estratégia de Montezuma “[...] está ligada a uma aposta na natureza divina dos invasores de seu reino [...]” e evidencia que o imperador asteca “[...] errou seus movimentos com eles [os espanhóis] desde o início [...]”, enquanto o conquistador espanhol “[...] conseguiu dar duas cartadas simultâneas com absoluta desenvoltura e audácia [...]” (p. 228).

As diferenças são o motor do jogo, o motor da conquista, e também o motor do texto: a cada lance, ficam mais claras as distintas concepções de mundo que regem Montezuma – que mantém “[...] sua dignidade e autoridade [...]”, confirmando sua majestade pelo ato da doação – e Cortés – que, como o restante dos espanhóis, quer “[...] sempre algo a mais do que [lhe] é dado [...]” (CALVINO, 2015, p. 229) –, este sempre guiado por “[...] imagens de força [...]” e aquele “[...] com os sinais de uma extrema fragilidade.” (p. 232). Evidencia-se também, com o correr do texto, a passagem do tom lúdico do jogo-narrativa ao tom ensaístico da história-reflexão, quando o autor coloca em cena a crônica de Bernal Díaz del Castillo, um soldado de Cortés, intitulada *Historia de la conquista de Nueva España*, como um dos muitos materiais responsáveis pela construção da imagem desse encontro no Ocidente, que garantem que “Montezuma [entre] em nossa história visto por olhos europeus [...]”, ainda que já a partir do século XVI se possa aceder a documentos que apresentam “[...] a crônica da conquista vista pelo ângulo dos conquistados.” (p. 233). Nos dois casos, conforme o escritor italiano, o que domina os relatos é “[...] a curiosidade por essa diferença absoluta que cada um dos dois povos representava para o outro [...]” (p. 233).

Essa “diferença absoluta” é o que, a meu ver, dá o tom da moldura narrativa do outro texto aqui abordado, “Montezuma”, a entrevista realizada por esse *eu* entrevistador que parece querer jogar com nossa posição como leitores. Vale destacar que Claudio Milanini (2004), nas notas sobre os “Diálogos históricos” que acompanham as obras completas de Calvino, menciona que Esther Calvino, viúva do escritor italiano, ao inserir “Montezuma” no volume *Prima che tu dica “pronto”*, alterou a denominação do entrevistador de “Calvino”, como aparecera em *Le interviste impossibili*, para “eu”, recuperando a forma utilizada no manuscrito do escritor, a qual me parece fundamental para o efeito de leitura provocado pelo texto. Peter Pál Pelbart, em “Poéticas da

alteridade” (2004), pontua as importantes implicações do uso desse pronome: “Eu. Eu sou eu. Eis uma frase que cada um pode repetir por sua própria conta, e talvez seja a única coisa de que hoje qualquer pessoa pode ter certeza. Ela quer dizer: Eu sou idêntico a mim mesmo, Eu sou eu Mesmo”. Ou seja, eu sou aquele que se opõe ao Outro, mas, ao mesmo tempo, eu sou esse outro em mim mesmo, já que “[...] cada encontro que me afeta pode ser uma ocasião para outrar, cada força que eu cruzo pode disparar em mim um outramento.” (PELBART, 2004, *online*). Ou, nas palavras de Tzvetan Todorov,

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu e um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. (1991, p. 3).

Sair de si mesmo e abrir espaço para o outro seria uma das principais possibilidades da arte, que busca caminhos para que as formas das coisas deixem de lhes ser limites e possam ser pensadas como aberturas. É esse movimento que me parece se delinear em “Montezuma”, texto no qual o jogo da ficção nos empurra em direção a uma intransponível diferença cultural, que se marca já na dificuldade apresentada por esse entrevistador em suas primeiras palavras, quando não sabe como se dirigir a este ser tão outro que interpela: “Majestade... Santidade!... Imperador!... General! Não sei como vos chamar [...]” (CALVINO, 2001, p. 177). Mas, em lugar de provocar o silêncio, essa diferença continua a mover a narrativa, impõe-se como um modo de “outramento” que afeta entrevistador e entrevistado, assim como a nós, espelhados nesse *eu* que tenta estabelecer um diálogo sobre um abismo. Estamos diante de uma espécie de espelhamento entre incompreensões: o questionador, que não sabe sequer como se dirigir àquele que reinou sobre os astecas, deseja compreender qual foi o momento em que Montezuma percebeu a destruição que sobre eles se abateria depois que viu seu mundo ser “[...] invadido por seres incompreensíveis.” (p. 177). O *outro* em questão é tão desconhecido, tão estrangeiro “[...] que [*eu*] chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie [...]”, como pontua Todorov (1991, p. 3).

A própria situação narrada – a “descoberta dos americanos” pelos europeus, contexto no qual se inserem as personagens de Montezuma e Cortés – é exemplar para que se pense tanto no encontro com uma alteridade radical quanto na violência extrema que pode advir desse contato. Em seu *A conquista da América*, cujo subtítulo é

justamente “A questão do outro”, Tzvetan Todorov assim justifica ter escolhido essa história como ponto de partida para sua reflexão sobre “a descoberta que o eu faz do outro”:

[...] a descoberta da América, ou melhor, a dos americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. Na “descoberta” dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, esse sentimento radical de estranheza. [...] O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada. (1991, p. 4-6).

É justamente a esse encontro que remetem os textos calvinianos, que procuram tanto dar voz àqueles outros representados por Montezuma, que foram destruídos e destituídos de sua cultura de forma extremamente violenta, quanto colocá-los em diálogo com o eu descobridor, o europeu encarnado no entrevistador e que se reflete em nós, leitores. Num movimento arqueológico-etnográfico-ficcional, Calvino revisita o passado e abre espaços para que na instituição lúdica do texto tenham voz aqueles que foram silenciados, aqueles cujos pensamentos não podem (e nunca puderam) ser acessados diretamente, de modo que esse encontro de radical estranheza se converte na arena de jogo/no espaço de diálogo entre dois mundos que não se superpõem. Afinal, o encontro presume sempre *dois*, um *eu* e um *outro* que se colocam em relação, e que embaralham os polos desse contato.

Em “Montezuma”, entretanto, a perspectiva dialógica pautada pela entrevista, em lugar de aparecer como forma de aplainar a diferença e promover um contato consensual – ainda que ficcional e *a posteriori* – entre um *eu* e um *outro*, demonstra justamente o contrário: que a diferença se perpetua, mesmo após o decurso de um período tão longo. O mesmo abismo que separava Cortés e Montezuma, tal como recriados no texto que traz os seus nomes, repete-se entre Montezuma e esse *eu* contemporâneo que é o entrevistador, mas que também sou *eu*, leitor: continua a se repetir nas páginas do texto o encontro de alteridades apontado no evento histórico, ainda que agora o *outro* por muito tempo emudecido encontre no espaço narrativo um caminho que possibilita que sua voz ecoe com maior facilidade, e diga inclusive da violência que sobre ela incidiu, não apenas aquela de caráter bélico mas, principalmente, aquela de tipo simbólico. A narrativa calviniana reforça uma alteridade que é irredutível a qualquer assimilação, apontando para uma “[...] tensão irresoluta

entre o Mesmo e o Outro, convidando-nos a superar sua exclusão recíproca, inscrita na lógica aristotélica, para pensar sua co-pertença conflituosa.” (COLLOT, 2006, p. 29).

Voltemos ao início da entrevista, que começa justamente com a dificuldade do entrevistador em dirigir-se ao entrevistado: ele não consegue encontrar na linguagem a forma adequada para transpor a diferença histórica, cultural, geográfica e linguística existente entre ambos. Não encontra modos para nomear o que lhe é tão distinto: “Não sei como vos chamar, sou obrigado a recorrer a termos que só em parte transmitem as atribuições de vosso cargo, apelativos que na minha língua de hoje perderam muito de sua autoridade, soam como ecos de poderes desaparecidos.” (CALVINO, 2001, p. 177). A resposta que o entrevistador recebe chega desconexa, destoando da questão apresentada, parecendo não se encaixar ao roteiro daquele diálogo:

O fim... O dia rola para o poente... O verão apodrece num outono barrento. Assim cada dia... cada verão... Nada garante que voltarão a cada vez. Por isso o homem deve cair nas boas graças dos deuses. Para que o sol e as estrelas continuem a girar sobre os campos de milho... mais um dia... mais um ano. (CALVINO, 2001, p. 177-178).

Já nesse momento ficam claros os lugares históricos, culturais e simbólicos distintos que se apresentam nessa conversa, de onde falam o *eu* e o *outro* que ali tentam se colocar em relação. Mas essa relação só pode se constituir no esteio da relação histórica já estabelecida, marcada pela *conquista*, pela violência, pela selvageria que de algum modo os conectou e cujas marcas ressoam nessa conversa impossível, assombrada e assombrosa, que paira sobre a história moderna ocidental.

Falando do lugar do conquistador, o entrevistador reproduz, de forma extremamente simplista, a ideia de que Montezuma havia enxergado em Cortés um de seus deuses e de que acabara, com isso, cedendo a ele muito mais do que poderia: “E realmente acreditastes que o deus Quetzacoatl estivesse desembarcando à frente dos conquistadores espanhóis, reconhecestes a Serpente Emplumada sob o elmo de ferro e a barba preta de Hernán Cortés?”, perguntara o entrevistador. “Tu também falas como se estivesse lendo um livro já escrito [...]” (CALVINO, 2001, p. 183), diz Montezuma a seu interlocutor, que o questiona tendo como referencial a história europeia da colonização mexicana.

Essa passagem retoma algumas das colocações de Calvino em “Montezuma e Cortés”, quando, ao mencionar o livro de Burland, *Montezuma signore degli Aztechi*, o escritor italiano afirma que nessa obra de caráter biográfico “[...] as contradições do



comportamento de Montezuma são em boa parte explicadas pelo código (mitológico e ético) sob o qual o soberano asteca viveu aquela terrível crise.” (CALVINO, 2015, p. 234). E continua, apontando que, se “Uma inesperada invasão de seres incompreensíveis quanto ao comportamento e à linguagem é, para Montezuma, a manifestação exterior de uma batalha entre deuses [...]”, essa crença é explorada por Cortés, “que tentou jogar o quanto pôde sobre sua identificação com um deus ou um enviado do deus [...]” (p. 234), revelando a complexidade da natureza desse encontro entre o diverso.

É essa complexidade que parece se apresentar, na narrativa de “Montezuma”, a cada resposta dada pelo entrevistado ao seu entrevistador, respostas que revelam uma posição outra, um pensamento diferenciado, uma visão distinta daquela história tão conhecida:

Chega... Essa história foi contada demasiadas vezes. Que esse deus na nossa tradição era representado com o rosto pálido e barbudo, e que vendo (solta um gemido) Cortés pálido e barbudo o teríamos reconhecido como o deus... Não, não é tão simples. As correspondências entre os sinais nunca são exatas. Tudo é interpretado: a escrita transmitida por nossos sacerdotes não é feita de letras como a vossa, mas de figuras. [...] Nas figuras dos livros sagrados, nos baixos-relevos dos templos, nos mosaicos de plumas, cada linha, cada friso, cada lista colorida pode ter um significado... E nos fatos que ocorrem, nos acontecimentos que se desenrolam diante dos nossos olhos, cada mínimo detalhe pode ter um significado que adverte das intenções dos deuses: o esvoaçar de um vestido, uma sombra que se desenha na poeira... (CALVINO, 2001, p. 178-179).

“Chega... Essa história foi contada demasiadas vezes.”, afirma o imperador, “[...] não é tão simples.”: o Montezuma de Calvino refuta, aqui, a posição de diversos estudos sobre o assunto, inclusive o anteriormente mencionado, que, como aponta Todorov, procuram explicar a vitória de Cortés por duas possibilidades principais: por um lado, imputa-se ao comportamento ambíguo de Montezuma a responsabilidade pela derrota devastadora, ainda que os mexicanos fossem numericamente muito superiores aos espanhóis; por outro, recupera-se essa relação simbólica na qual se afirma que os astecas consideraram como deuses os espanhóis. Calvino parece concordar com seu personagem, afirmando que esse encontro não é assim tão simples, e aponta uma outra possibilidade:

De fato a grande disparidade entre eles está menos nas lâminas de Toledo contra as lascas de obsidiana, nas armas de fogo e nos cavalos que os mexicanos não conheciam, que no fato de que Montezuma, chefe de um império modelado na ordem do firmamento e no equilíbrio da força dos deuses, se sente inseguro, à mercê de um universo precário, ao passo que Cortés, embrenhando-se num mundo que lhe é inteiramente estranho, mantém firmemente nas mãos as causas e os efeitos, os meios e os fins. (CALVINO, 2015, p. 236).

É a questionar o lugar de onde fala o *eu* entrevistador, o lugar do *mesmo*, que se dedica Montezuma durante grande parte do diálogo travado entre os dois personagens. Ao tornar mais complexa a relação estabelecida pelos astecas entre os espanhóis e os deuses, Montezuma desmonta um discurso que procura aplainar a questão da alteridade e submetê-la ao jugo do mesmo, que tenta “[...] forçar o desconhecido dentro de limites conhecidos, ou pelo menos dentro de categorias da própria cultura [...]” (CALVINO, 2015, p. 233), fazendo com que persista no espaço da narrativa o que há de irredutível na alteridade.

As respostas de Montezuma delimitam, assim, um outro espaço para o jogo, que deixa de acontecer “no jardim” do palácio ou no território asteca, e convertem o campo simbólico na principal arena de batalha em que disputavam, de um lado, “o fim do mundo” e, do outro, o “começo de uma nova era”. A ambiguidade de Montezuma resulta, pois, nesse relato, não apenas de sua submissão a um “código mitológico e ético”, de sua falta de atitude ou de certa confusão ingênua, mas principalmente de sua angústia frente ao desconhecido e de sua tentativa de deciframento do *outro* que ali chegava, de se inserir em um jogo do qual não dominava as regras:

O que podíamos fazer, o que podia eu fazer, eu que tanto estudara a arte de interpretar as antigas figuras dos templos e as visões dos sonhos, senão tentar interpretar essas novas aparições? Não que estas se assemelhassem àquelas: mas as perguntas que eu podia me fazer diante do inexplicável que eu vivia eram as mesmas que me fazia olhando os deuses de dentes arreganhados nos pergaminhos pintados, ou esculpidos em blocos de cobre revestidos de lâminas de ouro e incrustados de esmeraldas. (CALVINO, 2001, p. 179).

É desse mundo regido por outra ordem que Calvino procura fazer falar Montezuma, e com isso cria para o personagem um lugar de resistência, um espaço fronteiro entre a história e a ficção, entre o que se conhece do passado e o que dele se imagina. Ambos os homens, ambas as civilizações, viam-se no momento daquele encontro diante de um *novo mundo*, com o qual podiam se relacionar de distintas

formas, dialogicamente ou violentamente. Como afirma o escritor italiano em outro texto, “Como era novo o novo mundo”, “[...] uma vez descoberto o Novo Mundo, ainda mais difícil era *vê-lo*, compreender que era *novo*, todo *novo*, diferente de tudo o que sempre se esperou encontrar como *novo*.” (CALVINO, 2010, p. 17, grifos do autor). Naquele momento, ainda não havia a consciência do absolutamente novo, absolutamente outro, de modo que “[...] é justamente a partir da descoberta da América que a relação com o novo muda na consciência humana.” (p. 17). Mas ali, no momento do encontro, diante da alteridade radical, impunha-se uma escolha, preservar o *outro* ou tentar, a qualquer preço, torná-lo semelhante ao *eu*, reduzi-lo a uma coisa indistinta, atender

[...] à necessidade que a Europa tem de pensar a América segundo seus próprios esquemas, de tornar conceitualmente definível aquilo que era e continua sendo a *diferença*, talvez a irredutibilidade americana, isto é, o fato de ter sempre algo a dizer à Europa – desde o primeiro desembarque de Colombo até hoje – que a Europa não sabe. (CALVINO, 2010, p. 24, grifos do autor).

O Montezuma de Calvino parecia compreender essa irredutibilidade, e dela fala em sua entrevista:

Sabia que não éramos iguais, mas não como tu, homem branco, dizes, a diferença que me paralisava não podia ser pesada, avaliada... Não era o mesmo que duas tribos do altiplano – ou duas nações do vosso continente –, quando uma quer dominar a outra, e é a coragem e a força no combate que decidem a sorte. *Para lutar contra um inimigo é preciso mover-se no mesmo espaço que ele, existir no mesmo tempo que ele*. E nós nos escrutávamos a partir de dimensões diferentes, sem nos tocar. Quando o recebi pela primeira vez, Cortés, violando todas as regras sagradas, me abraçou. Os sacerdotes e os dignitários de minha corte cobriram o rosto diante do escândalo. Mas me parece que nossos corpos não se tocaram. Não porque o meu cargo me colocava mais acima de qualquer contato estrangeiro, mas porque *pertencíamos a dois mundos que nunca tinham se encontrado nem podiam se encontrar*. (CALVINO, 2001, p. 182, grifos meus).

Não havia um espaço em comum, não havia um tempo em comum entre esses dois mundos, entre esses dois homens. Mas o encontro estava posto, os dados já haviam sido lançados, e para que se tentasse o estabelecimento de uma relação ambos iniciam uma disputa pelo acesso ao mundo simbólico do outro. Dois olhares estrangeiros, que tinham diante de si algo que não se aproximava deles, em busca de um contato, que

acabou sendo regido pela imposição da semelhança daqueles que conseguiram a vantagem no jogo, daqueles que trapaceavam, que se orientavam pela lógica da conquista em oposição aos que se guiavam por um sentido de doação. O europeu desejava fazer do estrangeiro o próprio, extinguir qualquer traço de alteridade que lhe pudesse subsistir, apoderar-se do universo no qual ele vivia e de tudo o que ali existia. Para Cortés, isso significava compreender o outro e explorar seu universo para, então, tomar posse daquilo que ali havia e que poderia merecer a preservação – o ouro:

Vós vos apropriais das coisas; a ordem que rege o vosso mundo é a da apropriação; tudo o que tínheis de entender era que possuíamos uma coisa que, para vós, era digna de apropriação, mais que qualquer outra, e que para nós era apenas uma matéria bonita para as joias e os ornamentos: o ouro. Vossos olhos procuravam ouro, ouro, ouro; e vossos pensamentos giravam como abutres em torno desse único objeto de desejo. Para nós, ao contrário, a ordem do mundo consistia em doar. Doar para que os dons dos deuses continuassem a nos cumular, para que o sol continuasse a se levantar toda manhã abeberando-se do sangue que jorra. (CALVINO, 2001, p. 184).

Mas se apropriar do que é do outro, muitas vezes, implica a apropriação do próprio outro: mais que possuir o ouro, o ato de violência da conquista se afirmava pela tentativa de subjugar o outro, de extirpar a diferença, de eliminar qualquer sombra de alteridade que pudesse persistir. À ordem do mundo que se regia pela apropriação equivalia uma outra, a da conquista, que implicava necessariamente destruição: “Talvez ainda estivésseis em tempo de extirpar das cabeças europeias a planta maligna que estava apenas brotando: a convicção de ter direito de destruir tudo o que é diferente, de pilhar as riquezas do mundo, de expandir pelos continentes a mancha uniforme de uma triste miséria [...]” (CALVINO, 2001, p. 183), afirma o entrevistador, que assim responsabiliza o próprio Montezuma pela violência do processo e perpetua o evento passado.

Mas, a essa situação, a narrativa responde com a persistência da diferença, indicando que aquilo que resta como rasura e incompreensão é também o lugar mesmo da resistência: a relação entre esses *selvagens* ecoa nos textos calvinianos, que abrem assim espaços para o encontro com o outro. É esse outro que tentamos acompanhar nas respostas de Montezuma, que responde ao seu interpelador que ele não queria matar os homens brancos, e, sim, fazer algo que julgava muito mais importante, pensá-los. Pensar Cortés seria a única maneira para com ele se relacionar, para entrar nesse jogo e

então agir, fazendo os espanhóis “aliados” ou “inimigos”, “perseguidores” ou “vítimas” (CALVINO, 2001, p. 185).

E, no momento em que o entrevistador ressalta que esse problema não se colocava para Cortés, o imperador asteca responde que, ao contrário, era também isso o que ele buscava, pensar Montezuma – coisa que, apesar da vitória de um novo mundo sobre um antigo, o explorador espanhol não teria conseguido:

Pode parecer que tenha feito de mim o que quis: enganou-me muitas vezes, pilhou meus tesouros, usou minha autoridade como escudo, enviou-me para morrer apedrejado por meus súditos; *mas não conseguiu ter a mim. O que eu era ficou fora do alcance de seus pensamentos, inatingível. Sua razão não conseguiu envolver minha razão em sua rede.* (CALVINO, 2001, p. 185-186, grifos meus).

Uniformizar o mundo, riscar as diferenças, extinguir o que como alteridade se apresenta: se a história moderna tem como um de seus possíveis marcos fundadores um evento pautado pela violência, cujas narrativas históricas e etnográficas são, como bem aponta Todorov, já resultados dessa violência (pois que pautadas pelo discurso do conquistador), a literatura se apresenta como caminho para uma escritura da alteridade, como espaço no qual o outro se inscreve resguardando o que traz de diferente, sua outredade. No jogo do texto literário, Montezuma abre à imaginação a voz silenciada, e invade como um fantasma nosso pensamento eurocêntrico, afirmando sua persistência e evidenciando que, na relação dialógica entre *eu* e *outro*, sempre restará algo intraduzível, não rasurável, uma diferença.

## REFERÊNCIAS

CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Trad. José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990.

CALVINO, I. Montezuma. In: \_\_\_\_\_. *Um general na biblioteca*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 177-187.

\_\_\_\_\_. Como era novo o Novo Mundo. In: \_\_\_\_\_. *Coleção de areia*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 17-24.

\_\_\_\_\_. Montezuma e Cortés. In: \_\_\_\_\_. *Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 226-236.

COLLOT, M. O outro no mesmo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 29-38, jan./jun. 2006.

GARRAMUÑO, F. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

ISER, W. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. (Org.). *A literatura e o leitor*: textos de Estética da Recepção. 2. ed. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. (Org.). *Expansões contemporâneas*: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MILANINI, C. Note e notizie sui testi: capitoli per ‘Dialoghi Storici’. In: CALVINO, I. *Romanzi e racconti*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2004. v. 3, p. 1220-1222.

PELBART, P. P. Poéticas da alteridade. *Bordas*, São Paulo, n. 0, 2004-2011.

SILVA, M. I. S.; MOREIRA, M. E. R. (Org.). *Literatura*: espaço fronteiriço. Colatina/Chicago: Clock-Book, 2017.

SOUZA, E. M. de. A literatura sem fronteiras. In: SILVA, M. I. S.; MOREIRA, M. E. R. (Org.). *Literatura*: espaço fronteiriço. Colatina/Chicago: Clock-Book, 2017. p. 7-9.

TODOROV, T. *A conquista da América*: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

*Data de submissão: 13/05/2018*

*Data de aprovação: 29/07/2018*